

**Matheus Serafim Abreu de Souza**

**O AMOR EM RUBEM ALVES**

**Monografia de bacharelado em Filosofia**

Orientadora: Profa. Dra. Marília Murta de Almeida

Belo Horizonte

FAJE- Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

Matheus Serafim Abreu de Souza

## **O AMOR EM RUBEM ALVES**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Murta de Almeida

Belo Horizonte

FAJE- Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus em primeiro lugar que, por meio de Jesus Cristo, nosso irmão, revela a face do amor e através de Seu Espírito continua nos impulsionando na vivência do mesmo amor. Agradeço por tanto bem e tantas graças concedidas. Gratidão aos meus pais, Sr. Ednei Serafim de Souza e Sr<sup>a</sup>. Marli Geralda Abreu de Souza pelo dom da vida e por me ensinarem o caminho do amor, aos meus queridos avós e demais familiares e amigos pelo apoio e carinho incondicional.

Ao Distrito Sul-Americano da Sociedade de Maria, congregação dos Padres e irmãos Maristas, por oferecer meios de excelência na formação acadêmica para o cumprimento de nossa missão. “Tudo Para maior glória de Deus e honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

À Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, onde pude experimentar novas e ricas experiências no aprendizado da Filosofia. Gratidão pelo modo competente e comprometido do corpo docente. De modo especial à minha orientadora, Professora, Dra. Marília Murta, pela disponibilidade em me acompanhar nesse tempo e pelos ensinamentos em suas aulas, principalmente no ensino sobre o pensamento filosófico brasileiro.

## **RESUMO**

O Pensador mineiro Rubem Alves através de seus ensaios aponta o amor que é disseminado em vários âmbitos; a ideia aqui é justamente perceber o que há de comum neste conceito que caminha por várias estradas. O saber filosófico de Rubem Alves nos orienta a basicamente perceber o amor em três dimensões: o amor enquanto mistério, o que não se esgota, mas transcende; o amor totalmente corpóreo que perpassa pelo nível dos sentidos humanos tão desprezados pela filosofia clássica; e, por fim, o amor que nos impulsiona em nossas relações interpessoais.

**Palavras-chave:** Amor; Mistério; Transcendência; Experiência.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.</b> ....	<b>6</b>
<b>1 O AMOR MISTÉRIO</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1 Deus e o amor.</b> .....	<b>9</b>
<b>1.2 A beleza e o amor</b> .....	<b>11</b>
<b>1.3 A transcendência e o amor.</b> .....	<b>12</b>
<b>2 O AMOR E AS COISAS SENSÍVEIS.</b> .....	<b>15</b>
<b>2.1 O amor e a dimensão corpórea</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2 O amor e a natureza.</b> .....	<b>20</b>
<b>3 O AMOR E O OUTRO.</b> .....	<b>23</b>
<b>3.1 A amizade.</b> .....	<b>23</b>
<b>3.2 O amor gratuito.</b> .....	<b>24</b>
<b>3.3 A educação é um ato de amor</b> .....	<b>26</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Rubem Alves nasceu no dia 15 de setembro de 1933 em Boa Esperança, MG. Foi pastor presbiteriano e dedicou anos de sua vida aos estudos seminarísticos dentro e fora do Brasil. No dia 04 de junho de 1968 recebe o título de doutor em filosofia e em 1969 começa a lecionar na faculdade de filosofia de Rio Claro; em 1971 é convidado a lecionar como professor visitante no *The Union Theological Seminary* em Nova Iorque – EUA e, em 1974, ingressa no Instituto de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde ele trabalha até receber o título de professor emérito. Para além da filosofia, é grande referência nas áreas da teologia e da educação e se dedica também à psicanálise e à escrita literária, que rende a ele várias premiações, dentre elas, o Prêmio PNBE “O educador que queremos” no ano de 2003; em 2009, recebe o 2º lugar do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” com seu livro “Ostra feliz não produz pérola” (Editora Planeta). Nosso autor morreu no dia 19 de julho de 2014 por falência múltipla dos órgãos ou apenas “encantou-se” como ele mesmo costumava dizer (GONÇALO, 2015).

O amor é um tema chave em suas obras e, apesar do termo “amor” aparecer, quase sempre, de forma banal na cotidianidade, este se refere a um movimento interior da pessoa humana capaz da transformação de si mesmo e de toda uma realidade. Obviamente não temos por intuito padronizar o conceito de amor, ou algo similar, mas mesmo que possa parecer uma trivialidade, demonstrar o quanto o amor se faz presente e necessário na vida do ser humano e, além disso, na vida de toda a natureza que nos circunda e da qual fazemos parte.

O saber filosófico de Rubem Alves nos orienta a basicamente perceber o amor em três dimensões: o amor enquanto mistério, o que não se esgota, mas transcende; o amor totalmente corpóreo que perpassa pelo nível dos sentidos humanos tão desprezados pela filosofia clássica; e, por fim, o amor que nos impulsiona em nossas relações interpessoais. É imprescindível em nossa contemporaneidade discutir sobre tal tema, sobretudo quando temos ciência da existência do amor, mas o sentimos insuficientemente ou escasso na prática e, ainda mais, quando analisamos a realidade de uma forma holística e nos deparamos com fatalidades que nos permitem tal interpretação. Rubem Alves aponta tudo isso com seu olhar poético e atento: “Amo-te sim, mas não é bem a ti que amo. Amo uma outra coisa misteriosa, que não conheço, mas que me parece ver aflorar em teu rosto”(ALVES, 2005, p.17).

É importante ressaltar que não nos referimos necessariamente ao amor dentro da ideia de sentimentalismos, ainda que perpassemos também por aí, pois Rubem Alves parece não descartar nada que é próprio da experiência humana; tencionamos, todavia, apontar o amor

como algo maior, que nos impulsiona à vida, às relações interpessoais, com o mundo e também com o sagrado.

Rubem Alves não escreve sozinho, mas sempre evoca inúmeros outros pensadores, sobretudo, aqueles que dão voz à literatura lusófila e brasileira, tal como Adélia Prado, Clarice Lispector, Drummond, Cecília Meireles, Fernando Pessoa e, claro, não nos esquecendo dos demais como Nietzsche, Thomas Stearns Eliot e Santo Agostinho, que ajudam a dar vida a suas ideias, seja para afirmá-las ou em um trabalho de contraposição. O fato é que isso enriquece nosso arcabouço, denota a fonte do pensamento e as linhas de raciocínio do autor, algo muito importante no campo da filosofia.

Por fim, porém não menos importante, é interessante destacar o contexto de vida do nosso autor, todas as alegrias e também percalços vividos, o que, sem dúvida, moldará seu modo de pensar. Rubem Alves, dizendo com sua metáfora, soube sem medo devorar o mundo, se deixou ser impulsionado, e por isso seu legado ressoa. “Comer é o impulso mais primitivo do corpo: o nenenzinho tudo ignora: para ele, o mundo se reduz a um único objeto mágico, o seio de sua mãe. Nasce aí a primeira filosofia, resumo de todas as outras: o mundo é para ser comido” (ALVES, 2014, p. 44). A realidade brasileira, de forma particular, como por exemplo, a ditadura militar na década de 60, e o exílio de Rubem para o exterior, entre outros eventos, muito o motivaram para desenvolver seu pensamento e linha de pensamento, sem nos esquecer de seu olhar estético para as paisagens do Brasil, de forma especial, seu amor pelos Ipês, que, darão todo um sentido para seus escritos. O que, de alguma forma, nos conduz à ideia do amor, tema central desta pesquisa.

## 1 O AMOR MISTÉRIO

O amor existe. É ele tema de inúmeras dissertações, canções, poemas; é inspiração de tantos quadros e muitos feitos; de modo geral, está escancarado na arte, na religião e não poderia ser diferente nas reflexões filosóficas. Desde a Grécia antiga o amor é hipoteticamente vivenciado, mas também investigado. Os gregos, por sinal, usam três distintas nomenclaturas para o dizer: *Éros*, *Philia* e *Ágape*. O pensador mineiro Rubem Azevedo Alves, por sua vez, sobretudo através de sua literatura, desnuda aquilo que poderíamos considerar amor. *A priori*, não define exatamente o termo, mas busca em outros pensadores aquilo que sobre o tema já foi intuído. Em seu livro *Cantos do Pássaro Encantado*, que tem por subtítulo uma ideia sobre o nascimento, a morte e a ressurreição do amor, logo nas primeiras páginas seu recurso é a poeta Adélia Prado que diz: “Amor é a coisa mais alegre, amor é a coisa mais triste” (ALVES, 2015, p. 10). Rubem traz essa citação justamente com o propósito de questionar aquilo que lhe parece tão comum, óbvio, mas ao mesmo tempo paradoxal e misterioso na experiência humana. Afinal, para Rubem esse movimento de descoberta parte da experiência, não exclusivamente da carne, como ele elucida, mas de todo o ser. Isso fica bastante claro quando no mesmo livro ele diz de sua intenção ao escrevê-lo: “Espero, então, que aconteça com os que o lerem aquilo que aconteceu comigo: se deixem ser possuídos pela magia da ficção e sintam, na fantasia, as emoções do amor sem precisar senti-las na carne” (ALVES, 2015, p. 10). É valioso ponderar que o autor fala também de uma experiência muito particular, mas diante disso se abre, inclusive, para através das artes aspirar definir o amor.

Neste exercício filosófico que desenvolvemos é de praxe levantar o velho “por quê” presente na maioria das filosofias, talvez para elucidarmos as razões do amor, mas sobretudo para entendermos o motivo de querer perguntar a respeito. “Por quê? Quem faz essa pergunta se encontra diante de um enigma, algo que não entende. Não entende e dói. É preciso que o não entendido doa para que a pergunta brote” (ALVES, 1999, p. 171). O que nos dá a apreender a dimensão do amor como mistério, quase que indefinido na experiência humana, apesar das muitas teorias a ele aplicada. O amor que dói e ao mesmo tempo brota, e brota justamente porque dói. Talvez seja esta também a definição supracitada de Adélia Prado. Mas, ainda assim, por mais que através destas metáforas comecemos a compreender ou devanear sobre as ideias do amor, ainda nos parece insuficiente definição. Isto é, não sabemos se conseguiremos, de fato, chegar a um conceito fechado, partindo sobretudo do pressuposto

de que, nessa dimensão do mistério, intuímos, mas não sabemos o que é o amor. E aí o amor, tema central de nosso trabalho, pode também ganhar outros nomes.

### 1.1 Deus e o amor

Não podemos nos esquecer de que Rubem Alves carrega consigo também o título de teólogo para além de filósofo. Foi pastor presbiteriano, e a ideia de Deus é algo que recorrentemente marca seus escritos. “De vez em quando alguém me pergunta se eu acredito em Deus. Eu fico mudo, sem dar resposta, porque qualquer resposta que desse seria mal entendida” (ALVES, 2010, p. 17). Nosso filósofo foi um homem bastante polêmico quando tratava de teologia e talvez isso se desse justamente pelo fato de carregar consigo uma racionalidade bastante aguçada. Pensar poder ser perigoso, sobretudo, quando se está disposto a romper certas doutrinas. Apesar de sua filosofia poética, nunca deixou de explicitar a sua inclinação para a filosofia da ciência. Deus e ciência para Rubem Alves não são antônimos, mas carecem de uma relação imprescindível. Mistério e problema. Consideremos mistério aquilo que não está necessariamente perante nós, não é algo que possa ser objetivado. Nós também pertencemos à ordem do mistério; por mais que tentemos definir o mistério, este, sempre será inesgotável. Enquanto problema é aquilo que está diante de nós e pode ser solucionado, talvez não agora, mas não está na ordem daquilo que escapa de nós, pode ser objetivado, apontado. Portanto, não estamos a falar aqui de ateísmo, mas de uma forma singular de expressar essa realidade que chamamos de Deus. Além do mais, o apontamento que é dado por Alves é de um Deus que aparentemente contraria justamente a pregação de muitas religiões; contudo, Rubem não deixa de apreciar a beleza que também se manifesta nas religiões.

Há pessoas que pensam que Deus se parece com um banqueiro que tem um livro de contabilidade onde registra os débitos e os créditos dos homens para acertos futuros. Os débitos, chamados pecados, serão punidos. E os créditos, chamados virtudes, serão recompensados”. (ALVES, 2013, p. 104)

É significativo falar desta figura ao tratar do amor em Rubem Alves, não por um ato de fé, que, não necessariamente é expressado pelo autor, mas por dois motivos: o primeiro é a compreensão de Deus como amor dentro de certa tradição, sobretudo cristã, da qual por muito tempo comungou Rubem; e a expressão que Rubem Alves oferece de Deus, sobretudo negando a imagem de um Deus autoritário e rude e o demonstrando como um Deus humano, onde poderíamos, de fato, encontrar aquilo que sentimos como o amor: “Deus não tem memória: nem pune pecados nem recompensa virtudes. É como um regato de águas cristalinas. Não importa que joguemos Nele os nossos detritos. Ele continua a jorrar águas

crystalinas” (ALVES, 2013, p. 104). Tomando aqui Deus como amor já podemos apontar sinais na dimensão altruísta que há no amor, mas de certo, ainda falando de um amor Puro cujo confere o conceito de Deus, mas que também se manifesta em nós. Além do mais, percebemos que Rubem Alves reconhece e aceita a dimensão do mistério. Deus até pode ser considerado amor, mas seria difícil expressar toda a totalidade desse ser, dificuldade que há milênios é pauta da filosofia e também da teologia. “As palavras são enganosas... Palavras são bolsos, bolsos vazios. À medida que a gente vai vivendo, vai pondo coisas dentro do bolso. O bolso que tem o nome Deus fica cheio das quinquilharias que catamos pela vida” (ALVES, 2010, p. 88).

Em uma de suas crônicas intitulada *Pureza de coração é amar uma só coisa* (ALVES, 2013, p. 133) ele conta a história de um homem fascinado por joias. Este homem as colecionava, já havia várias em sua posse, mas seu coração não se aquietava; no entanto, em dado momento, ele encontra uma joia diferente, esta, não era da terra, mas do mar, falava das coisas do mar. O colecionador vende então todas as outras joias para comprar essa tão preciosa. Há alguns elementos interessantes a serem avaliados aqui. A primeira coisa é que este conto parece fazer menção a algumas das narrativas de Jesus, tal como, a parábola do tesouro escondido no campo e àquela da perla preciosa, em ambos os casos, os proprietários vedem tudo para adquirir aquele bem mais preciso (Mt 13, 44-46). O segundo dado é a apreciação deste homem pelas joias da terra, ou seja, existem muitas coisas boas e belas que também merecem nossa apreciação e, por fim, a joia do mar o arrebatou. O mar é lugar da grandiosidade, do mistério, do Deus que de muitas formas pode se manifestar, desde que seja através do verdadeiro amor. Inclusive, Rubem chega em uma de suas exclamações chamar ao mar de Deus azul e citando Thoreau, o compara ao abismo que, para ele, carrega a significação do mistério. “É gostoso andar, tranquilamente, sem querer nada. Lembro-me de Thoreau: Quero viver como quem passeia junto ao mar, tão perto do abismo quanto possível” (ALVES, 2004, p. 24). Ainda apontando para a ideia de profundidade do mar ele se espanta, fica horrorizado, com as pessoas que não o amam e explica o motivo: “Não amam o mar amam a praia. Se amassem não fariam o que fazem. Como nas privadas onde as pessoas escrevem obscenidades, sem se dar conta que ali mesmo, na parede pornográfica, está uma revelação de sua própria alma” (ALVES, 2004, p. 25). Rubem, de fato, não deixa de expressar a sua admiração pelo mar e por tudo aquilo que nele encerra, certamente, o mar é uma de suas metáforas mais utilizadas para descrever o mistério e a compreensão de Deus. “Que grande mistério é o mar! Que cenários fantásticos estão no

fundo, longe dos olhos! Para sempre incognoscível! Pense no mar como uma metáfora para Deus” (ALVES, 2001, p.10).

Talvez já esteja claro que para Rubem Alves Deus seja um ser cheio de amor e beleza que se mescla com a realidade sem deixar de transpirar mistério, e, por isso no final dessa crônica acima mencionada ele diz: “Assim é a vida. Quem está em busca incessante de muitos objetos de amor é porque ainda não encontrou o amor...” (ALVES, 2013, p.136).

Perguntaram-me se acredito em Deus. Respondo com verso do Chico: “Saudade é o revés do parto. É arrumar o quarto pro filho que já morreu”. Qual é a mãe que mais ama? A que arruma o quarto pro filho que vai voltar? Ou a que arruma o quarto para o filho que não vai voltar? Sou um construtor de altares. Construo altares a beira de um abismo escuro e silencioso. Eu os construo com poesia e música. Os fogos que neles acendo iluminam o meu rosto e me aquecem. Mas o abismo permanece escuro e silencioso” (ALVES, 2013, p. 7).

## 1.2 A beleza e o amor

É realmente uma tarefa difícil, em Rubem Alves, desvencilhar a ideia de Deus, amor e beleza, afinal, para ele, tudo isso comunga de um mesmo mistério que envolve o ser humano e tudo aquilo que existe: “Eu amo a beleza da natureza, da música, de um poema. Amo a beleza das palavras de amor. Uma criança adormecida é, para mim, uma revelação, uma ocasião de espanto” (ALVES, 2010, p.89). E ele continua: “Para mim a beleza é sagrada porque ao experimentá-la, eu me sinto possuído por este grande mistério que nos cerca” (ALVES, 2010, p.90). E ainda sobre esta mescla supracitada, ele discorre: “A beleza é a sombra de Deus no mundo. Sobre ele – ou ela- deve-se calar, muito embora as religiões sejam por demais tagarelas a seu respeito, havendo mesmo alguns que se acreditam possuidoras do monopólio das palavras certas- a que dão nome de dogmas” (ALVES, 2010, p.90).

O fato é que parece que estamos a entrar aqui na ordem do indizível: a beleza que amamos e que é capaz de nos transformar, simplesmente existe, mas parece que seria mais interessante se dela apenas desfrutássemos e deixássemos que daí viesse seus frutos, talvez, de ética, ou em uma linguagem mais comum a este trabalho, o amor. Rubem também aponta para a simplicidade como causa da beleza das coisas. Ele a vê, de forma ímpar, na natureza. Fala também que essa beleza mora dentro de nós e que, talvez por isso, não precisamos necessariamente a expressar em palavras (ALVES, 2004, p. 37). A beleza é da ordem do espanto e talvez a chamada de atenção aqui seja justamente para olharmos nossa realidade e nos perguntarmos se ainda nos permitimos surpreender ou se caímos em um mundo feio de previsibilidades, que, ao que parece, nos leva para longe da nossa própria essência, como

parece indicar este trecho: “Tenho inveja das plantas e dos animais. Parecem-me tão tranquilos, possuidores de uma sabedoria que nós não temos. Como se desfrutassem da felicidade do paraíso” (ALVES, 2004,p. 31). Ainda neste assunto ele acrescenta: “Irão me dizer que plantas e animais não falam. Engano. É verdade que estão mergulhados no silêncio. Mas é nesse silêncio que interrompe o vozerio dos homens que uma voz é ouvida, vindas das profundezas do nosso ser” (ALVES, 2004, p. 34).

Rubem Alves em vários de seus escritos usa a ideia de jardim como metáfora, ele menciona um suposto terreno que possui no interior do Estado de Minas Gerais, que era um bom terreno e que muitas propostas lucrativas já lhe haviam sido feitas em relação ao lote, entretanto, ele recusara todas justamente pelo encanto que ali havia; ele, em dados momentos, até chega dizer sobre magia para expressar o que lá existe (ALVES,2004, P. 47), no entanto, o que é mesmo curioso é a simplicidade de descrever a beleza, talvez justamente por compreender que as coisas são belas simplesmente porque são. Não há necessariamente a necessidade de um ordenamento ou de uma técnica para se construir a beleza, mas talvez, sensibilidade humana ou capacidade de transcendência, como lemos aqui: “Os olhos ficam logo fascinados com as coisas grandes: as montanhas que se sucedem, até desaparecerem no horizonte, azuladas, escondidas em brumas. Os riachos de água transparente que correm sobre as pedras” (ALVES, 2004, p. 34). E dando firmeza a o que estamos a dizer ele prossegue:

Mas meu assombro fica maior quando os olhos passam das coisas grandes para as coisas pequenas, quase invisíveis. Os campos. É preciso andar com cuidado e com olhos atentos, pois a beleza aparece em lugares escondidos e inesperados, e o seu tamanho é tão diminuto que quase não é vista. (...) À volta de cada um deles, um universo maravilhoso que é só seu, incomunicável; em cada corpo uma dança, uma simetria, uma beleza, uma melodia. (ALVES, 2004, p. 35-36)

Talvez nos perguntemos o que fazer, então, diante da beleza e Rubem Alves sem rodeios responde que nada, nada é preciso ser feito, precisamos simplesmente gozar e largar mão de todo desejo de utilidade que exista. Por fim, para Rubem Alves, quem experimenta a beleza está em comunhão com o sagrado, e, conseqüentemente com o amor que parece ser uma experiência de transcendência.

### **1.3 A transcendência e o amor**

Não obstante daquilo que já tratamos nas páginas anteriores é justo considerar aqui, de forma mais específica, a ideia de transcendência; afinal parece que este movimento do ser humano para si e além de si é algo imprescindível também para a experiência do amor. É questionável se um indivíduo sem essa sensibilidade que é própria da transcendência possa

experimentar aquilo que estamos tentando apontar como amor. Parece que Rubem Alves constantemente mesmo sem utilizar o termo transcendência, em seus escritos, aponta para tal movimento.

Talvez essa nomenclatura possa nos causar algum espanto e até nos fazer pensar em coisas exotéricas, mas em praticamente toda literatura de Rubem Alves se pode notar um certo deleitar do homem diante daquilo que o ultrapassa, mas que ao mesmo tempo está em si e envolve a si, como no conceito de mistério já definido anteriormente. Mas aqui nessa experiência de transcendência é como se fossemos tocados pelo mistério, e, em alguns momentos trasbordássemos ou ainda nos transfigurássemos. “Enquanto escrevo, estou ouvindo a sonata *Appassionata*, de Beethoven, a mesma que Lênin poderia ouvir o dia inteiro, sem se cansar, e seu efeito era tal que ele tinha medo de ser transformado magicamente em alegria e amor” (ALVES, 2010, p. 19). Rubem aqui exalta a música clássica e diz que normalmente ativistas políticos não se dão bem com ela, talvez aqui esteja usando de ironia por citar o revolucionário russo, mas não nega o poder da música e capacidade de transcendência do ser humano. Ainda falando da sonata ele questiona se o seu animal de estimação estaria a ouvir, e a resposta é óbvia: sim, não era surdo, e que por sinal o barulho lhe atrapalhara o sono. Reforçando aqui a ideia desta capacidade que nos parece muito própria. Por fim, Ele narra da sua própria experiência ao estar em contato com aquela música: “Mas eu, ao contrário do meu cachorro, tive vontade de chorar por causa da beleza. A beleza tomou conta do meu corpo, que ficou arrepiado: a beleza se fez carne”. (ALVES, 2010, p. 19).

É arriscado e até, de certo modo, paradoxal falar dessas coisas; parece que também a linguagem nos escapa, oximoros passam a ser suporte, mas tudo para dizer que, neste sentido, escapamos para além de nós em experiências que são completamente nossas. Transcendência não é coisa exotérica e tão pouco estamos a falar de mística, o que talvez, seja também desta mesma ordem, mas falamos de experiência humana. Exemplo disso é uma caminhada matinal, como descreve nosso autor. As caminhadas são, de fato, para beneficiar a saúde do corpo, para combater colesterol, diabetes, obesidade etc. No entanto para um olhar atento e desejoso por transcendência pode ser um salto no abismo do mistério. A excitação dos sentidos, algo que nos é tão próprio, nos leva além. “O que me dá alegria ao caminhar não são os possíveis benefícios médicos dessa prática, mas as excitações dos meus sentidos. Caminho para alegrar os meus olhos, os meus ouvidos, meu nariz, a minha pele... Caminho para fazer amor com a natureza” (ALVES, 2005, p. 92). Diante disso,

talvez pudéssemos dizer que, a transcendência, parece estar ligada à nossa alma e Rubem oferece uma bela definição para isso, e, motivos para nisso crer:

A alma é bailarina que gosta de bailar e dançar. É por isso que, no seu estado original (e isso é lição que a psicanálise nos ensina), a alma é uma criança brincalhona. É uma feiticeira que se deleita nas mãos insólitas e proibidas transformações. É poeta que escreve, e o mundo nunca mais é o mesmo (ALVES, 1992, p. 174).

Ou seja, não podemos negar que a transcendência faz parte de nós e nela e a partir dela que nos orientaremos nas experiências, sobretudo, a do amor. Talvez haja linhas filosóficas mais contemporâneas que busquem negar o movimento de transcendência, que resumem o ser humano e suas experiências à dura ciências, ou ainda, a mera linguagem, e, que tudo possivelmente poderia ser resolvido com lógica e matemática, entretanto, parece não ser isso o que nos indica Rubem Alves. “O mundo como ele é, é muito pequeno para o nosso amor. Temos nostalgia de beleza, de alegria e – quem sabe? – de eternidade” (ALVES, 2014, p. 178).

## 2 O AMOR E AS COISAS SENSÍVEIS

Mediante todo caminho percorrido até aqui é notória a atenção que Rubem Alves oferece ao todo, quando nos referimos ao ser humano e a tudo aquilo que o cerca. É perceptível também que seu discurso não permanece unicamente na ordem da abstração, mas passa pelos sentidos, tema que é trazido constantemente a seus escritos; aquilo que é empírico é fator primordial para que qualquer experiência ocorra, mesmo que estas não sejam experiências exclusivas dos sentidos como já vimos anteriormente. É também curiosa a relação que ele faz das coisas sensíveis ao psicológico justamente para compreendermos essa integralidade entre o que somos e tudo o que existe. Nada, neste sentido, pode ser descartado, tão pouco a experiência sensível.

O mundo físico, as coisas. Aqui se encontram os pensamentos psicológicos que temos acerca deste mundo. Isso mesmo. Pensamento psicológico: “Que lindo o vermelho daquela flor, e a brisa, tão mansa. À sombra daquelas mangueiras amigas o arrulho das pombas encrespa a modorra do meio-dia. Certamente, à noite, a lua virá crescendo em sua brancura e dando ideias a namorados” (ALVES, 2009, p. 204).

Rubem claramente aponta o mundo como lugar das ideias, não como Platão fizera, intuindo a realidade como mera mimese de um outro mundo, mas é daqui do mundo físico, das coisas, como ele mesmo diz, que brotam as inspirações. Em relação ao amor não poderia ser diferente, ele faz caminho similar ao de toda experiência humana, afinal é parte desta experiência. Por isso, é de suma importância refletir também sobre a dimensão do corpo, palco da expressão do amor, apontado inúmeras vezes por Rubem, como neste trecho: “É que nossa casca, diferente da casca dos animais, é feita de símbolos. Como diz o Evangelho, o verbo se fez carne. Assim, basta que as palavras se alterem para que o corpo se metamorfoseie num outro” (ALVES, 2015, p. 118). E, tratando das coisas sensíveis, não podemos nos esquecer da natureza, dentro do sentido mais literal do termo, inspiração e fruto para o amor que sempre foi pauta para Rubem Alves. Aliás, nunca se fez tão necessário tratar deste tema; somos parte da natureza e sem ela a vida, sobretudo a vida orgânica humana, seria impossível.

A natureza é um texto a ser decifrado. Se concordamos com Galileu, sabemos que ela fala a língua da matemática. O problema é que, ao nos voltarmos para a natureza, em vez de encontrar fórmulas e números, ela fica à nossa frente exibindo cores, cheiros, ruídos, temperaturas, mas sem abrir a boca. Muda (ALVES, 2009, p. 91).

É, por fim, evidente que seria impossível pensar sobre qualquer coisa, mesmo as mais abstratas ideias das poesias de amor, por exemplo, sem antes pensar na dimensão daquilo que nos toca os sentidos. É difícil pensar na dimensão do amor sem antes pensar nos desejos que afloram do nosso corpo, seja o inclinando para a sexualidade ou para a oblação ou ainda para

ambas as coisas. E, no que tange nossa linguagem, seria inacessível falar de amor e de tantas coisas da ordem do mistério se não pelas metáforas em que, na maior parte do tempo, se não integralmente, utilizamos a natureza que nos advém pelos sentidos ou ainda as artes, que são frutos de nossas próprias mãos, desta percepção que de algum modo são corpo e natureza, ou seja, nos chegam pelos sentidos. “Os artistas me fazem acreditar em anjos. Deus de vez em quando tem dó da nossa condição e nos envia seres inexplicáveis para que experimentemos a alegria do mundo de beleza perfeita” (ALVES, 2005, p. 51).

## **2.1 O amor e a dimensão corpórea**

O corpo é o palco principal onde o amor pode ser manifestado. Os sentidos do corpo parecem conferir significação a esta tão vivida experiência que é o amor. Mesmo que não estejamos a falar ainda de uma experiência relacional, não se pode amar nada e nem ninguém sem essa integralidade das partes que somos, entre elas, o corpo. E, se tratando das relações, a dimensão corpórea inclinada para o amor se torna ainda mais evidente. O corpo é como o cartão de visita para o emaranhado de coisas que somos. Não há dúvidas, inclusive, de que o nosso corpo também fala; expressa muito daquilo que somos e que estamos sentindo e é por isso que o corpo do outro também pode ser lido e amado. Rubem dizia: “O amor começa quando colocamos uma metáfora poética no rosto da pessoa amada, a paixão é uma experiência estética” (ALVES, 2015, p.25). E em alguns casos essa junção de dois corpos pode ser também sinal de amor. “Ela estava ligeira inclinada para frente, as mãos apoiadas sobre as coxas. Olhou-o com os olhos tranquilos e com voz baixa disse: ‘Meu nome é Heloísa’. Tinha maçãs salientes e um rosto de menina. Uma beleza singela e despida, sem adorno, irradiava do seu corpo” (ALVES, 2015, p. 18). Rubem Alves é, antes de tudo, um contador de estórias, mas nestas estórias, frutos de suas vivências transformadas em filosofia, podemos notar o quanto é real, neste caso, a expressão do amor que se dá pelo corpo e a partir dele. Afinal, poderíamos fazer filosofia, seja qual vertente fosse, fora de nossa vida? Parece que não para Rubem Alves. “Ao vê-la ele sentiu súbita alteração no peito, coisa que nunca havia sentido, como se tivesse sido instantaneamente enfeitiçado por aquele rosto. Percebeu que estava perdido. Ele a amou para sempre desde o momento em que a viu” (ALVES, 2015, p. 19). Ainda neste entrelaço, Rubem se questiona sobre essa cena de amor e salienta a importância da imagem, do corpo; mas é nítido sempre perceber como ele enxerga o ser humano dentro de uma totalidade. Ele fala de imagem, como uma espécie de fotografia

que se grava em nossa memória e que é o que amamos e, por fim, questiona sobre a origem do amor que mexe com seu próprio corpo físico.

Há muito tento entender essa cena. Embora saiba que a razão lógica não conhece as razões do coração, embora Drummond tenha escrito um poema com o título “As razões do amor”, embora o próprio Santo Agostinho não soubesse o que amava quando amava, sou fascinado pelo mistério desse súbito encantamento. Como um feitiço. O apaixonado fica possuído por uma imagem. Qual é a origem desse sentimento que fisicamente toma posse do lado esquerdo do peito? (...) Eu nunca a tinha visto. Não havia antecedentes que tivessem preparado aquele momento. Nada sabia sobre ela. Dela, naquele momento, a única coisa que eu tinha era a imagem: eu a vi. Tudo aconteceu pelo olhar. Foi nos meus olhos que o amor começou. Eu só tinha aquilo que os meus olhos ofereciam: uma imagem (ALVES, 2015, p. 19).

A sexualidade talvez seja outro caminho para apontar o amor no arcabouço de Rubem Alves. Nosso autor não é temeroso ao falar de tais assuntos, mas não diz simplesmente para demonstrar aquilo que todo mundo supostamente sabe em relação ao tema ou que é próprio da biologia dizer, mas para afirmar este caminho como caminho de graça e amor que são trilhados em nossos corpos. “Na alegria do sexo cada um oferece o seu corpo ao outro como brinquedo. Cada amante é um brinquedo brincante. Transar é brincar, coisa muito leve e cheia de risos” (ALVES, 2014, não paginado). Rubem também compara a culinária ao sexo afirmando a nossa ideia de que o ato em si não é necessariamente puro ato, mas artífice para a transformação em algo maior.

Culinária é a transformação alquímica da natureza: imaginação + natureza + fogo + tempero + cores: assim se faz um prato. Come-se o prato por prazer e alegria. Pois os homens fazem coisas parecidas com o sexo: misturam o sexo, tal como saiu da natureza, com poesia, perfumes, música, cores e toques. E assim o coito animal se transforma em experiência amorosa (ALVES, 2014, não paginado).

Ainda no âmbito da corporeidade, nosso autor torna a mencionar a arte da culinária para provar que perpassando pela experiência que nos é proporcionada pelos sentidos vivenciamos mais do que aquele ato em si: “O prato tem de ser gostoso, cheiroso (os temperos!), bonito (as cores!), excitante ao tato (a pimenta, o calor!). A cozinheira é uma artista. Pois arte é a produção de prazer através dos sentidos. Ela elabora uma ontologia do gosto” (ALVES, 2014, não paginado). Talvez tenhamos caído aqui mais uma vez em assuntos da ordem da transcendência discorridos no capítulo anterior. Entretanto, vale notar, mais uma vez, a integralidade da existência que é apontada pelo autor e da qual o corpo é também o protagonista. Mais uma prova disso é quando ele se debruça para falar da doença que assola o corpo:

Doença não é invasora que, vinda de fora, penetra o corpo a força. A verdade é o contrário. Ela é uma filha do corpo, uma mensagem gerada em suas funduras, e que aflora à superfície da carne como bolhas produzidas nas funduras das lagoas afloram e estouram na superfície das águas (ALVES, 2012, p. 41).

Talvez pudéssemos baseados nesta ideia da doença, repensar os frutos do amor gerados para o corpo e através do corpo como já relatados nos contos supracitados do autor. O amor, sem sombra de dúvidas, perpassa pelo corpo e é expresso por ele.

No entanto, o corpo, tal como tudo que é sensível, é também perecível; é palco para o amor, expressa o amor, mas não é o amor. A morte é tema que também podemos refletir aqui por dois motivos: o primeiro é tomar nota, mais uma vez, da importância que Rubem Alves oferece ao corpo, aqui com uma aguçada sensibilidade; e, em segundo lugar, perceber a permanência do amor antes, durante e até após a morte. O fato é que estamos todos, em nossos corpos, percorrendo este caminho e nos basta, por fim, refletir e perceber a eternidade do amor que passa por nós: “Nietzsche nos perguntava se não sabíamos que éramos amados pelo brilho de eternidade em nosso olhar! Pensei, então que a velhice não são os sulcos barrentos na estrada enlameada, mas o reflexo dos pinheiros contra o céu azul” (ALVES, 2013, p.23).

Rubem Alves, em sua sensibilidade, tem uma forma ímpar de apontar para esse suposto desfecho da vida. Ele traz beleza para aquilo que às vezes não nos soa tão belo. Já vimos como o amor e a beleza se entrelaçam. Em relação à morte, nosso autor compara este tempo com o crepúsculo. A vida imita o dia que, em dado tempo, chega ao fim, mas mesmo o fim é cheio de significados.

O crepúsculo é o dia chegando ao fim. O tempo se acelera: como se transformam rapidamente as cores das nuvens, no seu mergulho da noite! E, paradoxalmente, o tempo fica imóvel, paralisado num momento eterno. Por isso que o crepúsculo é um momento sagrado, de oração, quando o eterno se oferece a nós numa taça efêmera. Por isso cessa o trabalho. É momento de oração: *angelus*. Somente os sentidos atentos em contemplação (ALVES, 2013, p. 27).

Rubem, ainda pensando na velhice, diz que o outono é o crepúsculo do ano. É válido reparar que através destas metáforas ele está a descrever aquilo que neste processo de perecer ocorre ao ser humano, aqui o pensando ainda como corpo, mas também em toda a sua integralidade.

O outono é o crepúsculo do ano. A colheita terminou. Tudo fica frágil, à espera. As árvores começam a se queimar em cores vermelhas e amarelas, um grito de orgasmo, não se sabe direito se de beleza ou de morte. E o tempo se imobiliza na espera do inverno. Sim, imóvel como a folha de outono, à espera do próximo golpe de vento. Como é bela na eternidade daquele momento efêmero. (ALVES, 2013, p. 27).

É verdadeiramente interessante como Rubem descreve todo esse processo de morrer que é muito próprio do corpo. Ele usa todas essas figuras de linguagem narrando a velhice, algo que durante esse tempo já o tocava, mas no caminho entre morte e eternidade parece que nos encontramos também com o amor. Tanto o amor que é muito possível na velhice, quanto

a ideia do amor que perpassa nossos corpos perecíveis indo além deles: “Mesmo no outono – esse mergulho crepuscular do ano – o fogo do amor se levanta, maravilhoso testemunho da possibilidade da ressurreição dos mortos” (ALVES, 2013, p. 33). Aceitar a fragilidade do tempo que marca nosso corpo é um ato de amor. Rubem diz amar os crepúsculos e deles tira lição: “Amo os crepúsculos. Ajudaram-me a amar o rio, o tempo que passa. Rios e crepúsculos são a mesma coisa (...). As cores e o tempo do crepúsculo tornaram-me um pouco mais sábio. Para ficar sábio é preciso ser discípulo da morte!” (ALVES, 2013, p. 62).

Tratando então diretamente da morte, Rubem Alves faz um apelo para que os sinais do corpo sejam lidos. É necessário deixar morrer. Claro que não estamos falando de eutanásia ou algo similar, mas de oferecer liberdade e expressividade àquele que sempre foi expressividade e ainda assim apelidado de cárcere da alma ou coisas parecidas. Ao ser perguntado sobre seu maior medo, Alves disse que é que não o deixassem morrer e o aprisionassem nas aparelhagens da medicina: “Aquilo de que mais tenho medo é que me obriguem a viver quando o meu corpo só deseja morrer” (ALVES, 1992, p. 117). E ele prossegue se referindo aos aparelhos: “Deram o nome de ‘recursos heróicos’ a parafernália tecnológica que se usa para manter vivo o corpo que só deseja morrer” (ALVES, 1992, p. 117). Refletindo sobre a morte, ele se pergunta sobre a vida; afinal, para Rubem como para nossa sabedoria popular, a morte faz parte da vida e tudo um dia precisa acabar. Certamente as coisas, sobretudo as do nível da sensibilidade, por mais queridas e prazerosas que fossem, se tornariam insuportáveis se um dia não chegassem ao fim. Imaginemos um beijo sem fim? Uma canção sem fim? Um poema sem fim. Seria insuportável. Tudo precisa de um desfecho para que aquilo que foi amado continue a ser amado e até desejado. É válido também ressaltar o quanto mesmo dentro desta reflexão aparentemente mais metafórica Rubem direciona sua ideia para o corpo e a provocação dos sentidos.

Mas, o que é a vida? Vida são olhos que saúdam as madrugadas, acariciam a noite, acolhem sorrisos; ouvidos que recebem o barulho dos ventos, ouvem gemidos de dor, escutam palavras de amor, bocas que experimentam o deleite dos frutos e dos beijos e que recitam poemas; narizes que sentem o cheiro da maresia, da comida que se cozinha no fogão e dos corpos suados. Pernas que andam pelos bosques e levam mensagens a lugares distantes; braços que plantam jardins, e que se estendem para os abraços e para as lutas. A vida é um poema enorme, uma explosão de gestos e de sentidos espalhados pelo espaço. Mas como tudo que é humano, a vida é também cansaço que anseia pelo sono (Alves, 1992, p. 118-119).

Não se pode fugir da hora derradeira, ela também faz parte de nós e com isso aprendemos que o amor não é somente uma explosão de alegrias e gozos, mas pode também ser um bombardear de dor e sofrimento, na morte física ou nas metáforas dos amores que morrem em nossas vidas. “A beleza é sempre assim, a coincidência entre eternidade e

despedida: aquilo que o amor deseja que exista eternamente lhe escapa por entre os dedos, é água, e ele só fica com o vazio” (ALVES, 2013, p. 27). Após a morte, obviamente permanece a dor, a dor da saudade que é difícil perdoar, mas aos poucos aqueles que ficam vão se acostumando com a presença da ausência. Com a saudade da imagem que um dia foi amada e nisso o amor permanece. Vence a própria morte. Rubem diz sobre a perda da pessoa amada: “E continuo a perdoá-la para que ela, na minha memória, continue a ser objeto do meu amor. Continuo a amá-la, agora não mais como presença, mas como ausência, ser da saudade” (ALVES, 2015, p. 114). Talvez, então, saudade possa ser mais um nome para amor. “Saudade é um buraco dolorido na alma. A presença de uma ausência. A gente sabe que alguma coisa está faltando (...). A saudade torna-se uma aura que nos rodeia. Infelizmente o amor é feito com muitos ‘nunca mais’ – a expressão mais triste que existe” (ALVES, 2014, não paginado).

## 2.2 O amor e a natureza

Como temos visto a natureza constantemente é trazida por Rubem Alves para expressar alguma metáfora de suas ideias ou ainda para dizer das provocações que ela nos faz aos sentidos. Falar da natureza em Rubem Alves é falar de afetividade, afinal são os campos floridos, as montanhas, os ipês, os riachos, os animais, as astronomias coisas que mais o inspiravam. É também afetividade ao pensarmos no contexto histórico por ele vivido. Oriundo do interior de Minas Gerais, viu a natureza sempre radiante em torno de si, coisa que carregou ao longo da vida. De certo, o local onde nascemos e crescemos fala muito de nós e em nós, inspira nossa filosofia. Não é à toa que, se formos analisar as culturas, a forma de ser, o modo de pensar das pessoas sempre será ímpar a depender do local em que se vive ou se viveu.

Se tratando de Rubem Alves, ele dizia amar a natureza e, para ele, é dela que provêm as grandes lições para a vida como já temos percebido pelas citações que temos feito neste trabalho. A natureza é, portanto, lição para o amor.

Olhar para os animais e as plantas me enchia de alegria. E eu queria cuidar deles como quem cuida de algo frágil e precioso. Aí o mandamento cristão do amor me parecia pouco exigente. Pedia apenas amor ao “próximo”, se referia só às pessoas. Eu, ao contrário, penso que todas as coisas que vivem são minhas irmãs. Elas possuem uma alma. Lagartas que um dia serão borboletas (ALVES, 2014, não paginado).

Rubem, inclusive chega a parafrasear textos bíblicos para dizer do amor que devíamos cultivar para com a natureza: “Amarás a mais insignificante das criaturas como a ti mesmo. Quem não fizer isto jamais verá a Deus face a face” (ALVES, 2014, não paginado). Nosso

autor parece reconhecer o ser humano como um filho rebelde desgarrado da natureza e que para reencontrar sua essência precisa voltar para ela. A natureza pode nos ensinar aquilo de que nos esquecemos justamente por essa fuga que hoje pode parecer uma fuga de nós mesmos. Na natureza, entretanto, encontramos o lugar da harmonia.

Acho que todo mundo sabe, intuitivamente, que existe uma loucura na maneira de ser dos homens. E é por isso que a nostalgia por um sítio ou por uma casa na paria aparece como um dos nossos sonhos mais persistentes. Para longe do falatório dos homens, quando todos falam e ninguém escuta. De volta para a natureza, onde nada se diz e, no silêncio, se ouve uma sabedoria esquecida (ALVES, 2004, p. 32).

Rubem Alves chega a mencionar o santo de Assis e as anedotas sobre ele. Diziam que ele pregava para os animais, no entanto Rubem discorda desta teoria.

Acredito, ao contrário, que o santo conversava com os animais, escutava seu silêncio, e, se falava alguma coisa, era como aluno que repete em voz alta aquilo que aprendeu de seus mestres. Não era o santo que pregava aos animais; eram os animais que lhe ensinavam sua sabedoria. E talvez seja esta a razão por que ele seja tão amado: porque em seus gestos e suas palavras, ele nos diz de um jeito de ser de plantas e bichos de que nos esquecemos e de que queremos nos lembrar, para sermos menos infelizes (ALVES, 2004, p. 33).

Ninguém melhor do que Francisco de Assis para nos inspirar na ideia no amor universal e Alves parece concordar com isso, mas para compreender esse jogo é preciso voltar para a natureza. Se por acaso estamos desconectados da nossa essência, daquilo que realmente nos compõe enquanto ser humano, é impossível falar de amor. E se reconhecemos o amor como algo tão grandioso, não teria como dele falar sem pensar ou olhar para a imensidão que é a natureza. Talvez, para usarmos uma expressão moderna, poderíamos dizer que a natureza é uma espécie de gatilho para aflorar em nós o amor e tudo aquilo que ele possa expressar.

“Você tem dificuldade em ouvir a voz das plantas e dos animais? Pois que leia os poetas, profetas do seu saber sem palavras. Por exemplo o poema sugestão de Cecília Meireles, onde ela diz que deveríamos ser como a flor que se cumpre sem pergunta, a cigarra, queimando-se em música, o camelo que mastiga sua longa solidão, o pássaro que procura o fim do mundo, o boi que vai com inocência para a morte. E conclui: Sede assim qualquer coisa serena, isenta, fiel. Não como o resto dos homens (ALVES, 2004, p. 34).

Rubem também nos alerta dos contrários do amor e, mais uma vez, a mestra é a natureza. “Nos campos há árvores, brisa, céu azul, nuvens, riachos, insetos, pássaros. Você, por acaso, já viu uma ansiedade andando pelos campos? Ou uma raiva navegando ao lado das nuvens? Ou um medo piando como os pássaros? Não” (ALVES, 2004, p. 41). A natureza, enfim, parece carregar um caráter libertador e Rubem Alves reconhecendo a sua expressão de harmonia diz sobre as coisas vivas: “E também elas amam a doçura da vida tanto quanto nós. São minhas irmãs. Meu corpo é parte do seu corpo. Desejo que elas me amem da mesma forma como eu as amo” (ALVES, 2014, não paginado).

Antes de encerramos este capítulo sobre as coisas sensíveis, diante do assunto que estamos tratando, não poderíamos, sobretudo por uma questão poética, deixar de falar dos Ipês, árvore que recorrentemente aparece nos textos de Rubem e que foi, sem dúvida, objeto do seu amor. “Gosto dos ipês de forma especial. Questão de afinidade. Alegam-se em fazer as coisas ao contrário” (ALVES, 2013, p. 47). Os Ipês se abrem para o amor mesmo diante das dificuldades. Os Ipês são exemplos de resistência e doação, doam sua beleza quando nada mais parece ter vida. “As outras árvores fazem o que é normal – abrem-se para o amor na primavera, quando o clima é ameno e o verão está para chegar, com seu calor e chuvas. O ipê faz amor justamente quando o inverno chega” (ALVES, 2013, p. 47). A beleza do ipê é amor e metáfora para aquilo que poderíamos ser e do que pretendemos tratar no próximo capítulo: o amor doação. “Penso que os ipês são uma metáfora do que poderíamos ser. Seria bom se pudéssemos nos abrir para o amor no inverno” (ALVES, 2013, p. 49). Mais uma vez, a natureza através de sua magnitude nos ensina a amar e a ser amor. Os ipês tornam o mundo mais colorido e cheio de vida. Não será também essa a nossa missão? Não seria essa a inclinação do amor?

Corra o risco de ser considerado louco: vá visitar os ipês. E diga-lhes que eles tornam o seu mundo mais belo. Eles nem o ouvirão e não responderão. Estão muito ocupados com o tempo de amar, que é tão curto. Quem sabe acontecerá com você o que aconteceu com Moisés<sup>1</sup>, e sentirá que ali resplandece a glória divina (ALVES, 2013, p. 49).

Vimos, por fim, que as coisas sensíveis são indispensáveis para a experiência do amor. O corpo e a natureza são palco para que o amor ocorra, tal como expressão e inspiração para o amor.

---

<sup>1</sup>Rubem Alves se refere aqui a um outro trecho do texto onde ele menciona a experiência mística do profeta Moisés com a sarça ardente. Rubem Alves diz: “Acho que não foi sarça ardente. Deve ter sido um ipê florido” (ALVES, 2013, p.48).

### 3 O AMOR E O OUTRO

Como temos visto, o amor passeia por diversas esferas e a cada tempo e lugar ele se manifesta de uma determinada forma e até ganha outros nomes. Nós já refletimos no capítulo anterior sobre a forma que o amor toma na relação dos corpos no âmbito sexual; no entanto, na relação com o outro o amor ganha também outras expressividades. Talvez seja justamente aqui que poderemos o sentir mais vivo e pulsante justamente por termos a capacidade de fazer esta análise através da própria experiência. Afinal, o amor que recebemos do outro é o que nos ajuda a suportar os sofrimentos da vida e vice-versa. O amor, mais uma vez, na concepção de Rubem Alves, se assemelha à beleza que nos ajuda a suportar as tragédias do mundo. O amor, por fim, é como uma pequena chama de vela que não nos deixa perdidos na escuridão.

O amor prefere a luz das velas. Talvez porque seja isto tudo o que desejamos de uma pessoa amada: que ela seja luz suave que nos ajude a suportar o terror da noite. Sob a luz do amor que ilumina modesta e pacientemente, o escuro já não assusta tanto. É noite de paz! (ALVES, 1992, p. 116).

#### 3.1 A amizade

O amor, então, vai ganhando um novo rosto diante da presença do outro. Nossa solidão ganha a presença de outra solidão e vamos nos tornando capazes de suportar a escuridão da vida: “Desde muito cedo amei a solidão. Isso não quer dizer que eu fosse um solitário. Ao contrário. Sempre tive amigos. A amizade é coisa que só cresce da solidão: ela é o encontro de duas solidões” (ALVES, 2013, p. 151). Rubem Alves diz que a solidão é o ar que se respira quando se entra nas paisagens da alma e que, ao nos abirmos ao outro, abrimos também o nosso álbum com as paisagens da alma e o revelamos (ALVES, 2013, p. 153).

A origem então desse entrelaçamento de duas vidas não poderia ser de outro se não do amor que existe. Longe de querermos romantizar a ideia do amor, mas é ele quem nos une e é também ele que nos separa quando assim for justo e necessário. O amor é a total e respeitosa liberdade diante de mim mesmo e do outro, afinal Rubem diz que a liberdade é o alimento do amor (ALVES, 2014, não paginado). Estes cenários da alma que Alves descreve são possíveis de serem descritos por que o próprio amor é quem os constrói: “O amor junta o que estava separado e separa o que estava junto. O amor é a potência mágica que constrói os cenários da alma” (ALVES, 2005, p. 61).

Por isso, precisamos falar da amizade, da gratuidade e, neste mesmo caminho, também falar da educação, tema muito caro a Rubem Alves e que neste âmbito da relação com o outro é ato de puro amor (ALVES, 1999, p 189).

A amizade, por sua vez, é um símbolo grandioso do amor que aos poucos ajuda a colorir a vida. Absolutamente nada teria muito sentido se não tivéssemos alguém para partilhar e a vida seria apenas uma luta solitária contra nossa própria solidão.

Lembrei-me dele e senti saudades... Tanto tempo que a gente não se vê! Dei-me conta, com uma intensidade incomum, da coisa rara que é a amizade. E, no entanto, é a coisa mais alegre que a vida nos dá. A beleza da poesia, da música, da natureza, as delícias da boa comida e da bebida perdem o gosto e ficam meio tristes quando não temos um amigo com quem compartilhá-las. Acho mesmo que tudo o que fazemos na vida pode se resumir nisto: a busca de um amigo, uma luta contra a solidão. (ALVES, 1992, p. 11)

Rubem descreve a amizade como uma presença silenciosa, mas necessária mesmo que carregada de inutilidades. Amigos não precisam ser tagarelas e viverem a expressar oralmente seus sentimentos; o amor, em si, se encarregará de tudo isso. O que importa, mais do que qualquer coisa, é estar diante do outro com intensidade e verdade.

Não é preciso falar. Basta a alegria de estarem juntos, um ao lado do outro. Amigo é alguém cuja simples presença traz alegria independentemente do que se faça ou diga. A amizade anda por caminhos que não passam pelos programas (ALVES, 1992, p. 12).

Se inclinarmos nossa alma para a sensibilidade diante de tudo aquilo que vimos até aqui notaremos que esses caminhos pelos quais passam a amizade são os caminhos do amor.

Rubem, para exemplificar seu pensamento sobre a amizade, narra uma pequena história oriental sobre uma árvore solitária que viva no alto da montanha, onde nos tempos de outrora vivera muitas outras árvores frondosas e belas, mas vieram os lenhadores e as cortaram; essa árvore solitária permaneceu porque era torta demasiadamente e não tinha utilidade para os feitos dos lenhadores, não servia para virar um móvel ou uma tábua sequer. Posteriormente vieram os caçadores de essência, mas por não exalar nenhum perfume de suas folhas ou troncos, aí, no alto da montanha, permaneceu solitária. Sobreviveu por ser inútil. Ela permanece sozinha no alto da montanha, mas constantemente os viandantes param e descansam sob a sua sombra. E Rubem acrescenta:

Um amigo é como aquela árvore. Vive de sua inutilidade. Pode até ser útil eventualmente, mas não é isso que o torna amigo. Sua inútil fiel presença silenciosa torna a nossa solidão uma experiência de comunhão. Diante do amigo sabemos que não estamos sós. E alegria maior não pode existir (ALVES, 1992, p. 13)

### 3.2 O amor gratuito

“Os místicos e os apaixonados concordam em que o amor não tem razões. Angelus Silésius, místico medieval, disse que ele é como a rosa: A rosa não tem porquê. Ela floresce porque floresce” (ALVES, 1992, p. 15). Por isso poderíamos dizer que o amor é gratuidade, e com isso retomamos aqui a ordem do mistério. O amor posso compreender, mas jamais

aprender; como a rosa de Silésius, ele simplesmente floresce em nós e conseqüentemente em nossas relações, como no caso da amizade; não amamos pela utilidade que o outro pode nos oferecer, mas simplesmente amamos. “Meu amor independe do que me fazes. Não cresce no que me dá. Se fosse assim ele flutuaria ao sabor dos teus gestos. Teria razões e explicações” (ALVES, 1992, p. 15).

Aqui podemos perceber também a dimensão daquilo que poderíamos nominar amor oblação, aquele que se doa por suas próprias razões aparentemente desconhecidas a nós. Pessoas entregam suas vidas inteiras em razão desse amor, mas não necessariamente o explicariam, mas apenas continuariam suas vidas simplesmente amando uma causa, um povo e vivendo experiências que, de fato, não entendemos, mas pertencem unicamente à dimensão daquilo que é o amor. Os gestos destas pessoas acabam falando por si: se estão abertas são transformadas e transformam o outro.

Alves (2013, p. 109) ousa colocar palavras na boca de Jesus e reconta uma de suas histórias. Desta vez, o protagonista é um garçom que, depois de uma noite de trabalho, voltava para sua casa com um pouco de dinheiro que havia recebido como gorjetas para sustentar a sua família. Eram quatro horas da madrugada, as ruas estavam vazias e escuras. Aproveitando a escuridão, dois bandidos atacaram o garçom e, além de roubarem o seu dinheiro, bateram nele, deixando-o como morto na calçada. O tempo passou e logo amanheceu. Passava por aquela rua, no seu carro, um presbítero que se dirigia para a Igreja para celebrar sua primeira missa. Vendo o homem caído ele se lamentou e disse: “se não fosse pela missa, eu pararia para ajudá-lo”. Rezou um Pai nosso e uma Ave Maria em intenção do ferido e foi cumprir suas obrigações religiosas. Logo depois passava por aquela mesma rua, no seu carro, um pastor protestante que se dirigia para sua igreja a fim de dirigir a reunião de oração. Ao ver o ferido ele perguntou: “Meu Deus, que terá feito este homem para que diabo assim o castigasse?”. Premido por suas obrigações ele de longe executou gestos de exorcismo e continuou na direção da sua igreja. Levantado o sol, manhã clara, passava por ali um travesti, em sua lambreta, vindo de uma noite de farras. Ao ver o homem caído, o seu coração se comoveu. Parou, colocou o homem na garupa e levou-o a um hospital. Lá tirou do bolso todo dinheiro que tinha e disse: “Para pagar os gastos que houver” e desapareceu antes que a polícia chegasse.

Compaixão pode ser, neste caso, mais um nome para o amor, sendo aquilo que se expressa de forma totalmente gratuita. Podemos também notar que o amor é tão livre que não depende de nenhum tipo de classificação social para surgir, ele não está preso a este ou aquele grupo, inclusive, diante deste conto podemos nos perguntar quem mais amou? E a resposta é

óbvia: aquele a quem ninguém daria razões para isso. Assim também é o amor! Ainda pensando na ideia de compaixão, Rubem conta um pequeno episódio com sua neta Camila onde ele descobre que compaixão é trazer o que está fora para dentro de nós mesmo.

Minha neta Camila, de onze anos, estava à mesa, almoçando. De repente começou a chorar e foi para a sala de televisão. Fui atrás dela para saber o que estava acontecendo. Foi isso que ela me disse: “Vovô, quando vejo uma pessoa sofrendo eu sofro também. Meu coração fica junto ao coração dela”. Ela chorava porque se lembrava de alguém que estava sofrendo (ALVES, 2014, p. 33).

O amor é coisa que surge sem porquê e nos faz queimar por dentro, nos faz agir, mas amor não se paga, é dom, é gratuidade.

Amor é estado de graça e com amor não se paga. Nada mais falso do que o ditado popular que afirma que ‘amor com amor se paga’. O amor não é regido pela lógica das trocas comerciais. Nada te devo. Nada me debes. Como a rosa que floresce porque floresce, eu te amo porque te amo. Amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos vários... Amor não se troca... Porque amor é amor a nada, feliz e forte em si mesmo” (ALVES, 1992, p. 17).

Algo curioso e até cômico é que neste caminho em busca das razões do amor, Rubem chega a comparar o amor a um soco que é dado pelo desconhecido: “A verdade essencial é o desconhecido que me habita e a cada amanhecer me dá um soco. O amor será isto: um soco que o desconhecido me dá?” (ALVES, 1992, p. 16). Ou seja, o que nos parece é que realmente não há razões para o amor e ele simplesmente acontece. Pode ser tão repentino, imprevisível e sem propósitos que nos chega a assustar.

### **3.3 A educação é um ato de amor**

Se diante de tudo que estamos falando sobre o amor em Rubem Alves, precisássemos de uma proposta de intervenção, certamente poderíamos alegar que esta viria pelo viés da educação. A final ele mesmo é quem diz: “ensinar é um ato de amor” (ALVES, 1999, p. 189). E, isto bastaria para justificar a reflexão deste tema em nosso trabalho. No entanto, falar deste tema em Rubem Alves é acolher uma enxurrada de críticas ao nosso próprio sistema educacional. Ele diz escrever sobre o tema porque ama e lança a crítica:

Escrevo sobre educação porque amo as crianças, os jovens, seres ainda abertos, que enfrentam o perigo de ser fechados. Joseph Knetch, o herói trágico do livro de Hesse *O jogo das contas de vidro*, no final da vida desejava apenas educar uma criança ainda não deformada pela escola (ALVES, 2014, não paginado).

Rubem Alves certamente tem um modo particular de pensar a educação, diferente deste que supostamente é aplicado na maior parte do Brasil. Rubem diz que essa educação é feita para que as crianças deixem de ser crianças e que esse tipo de educação acaba se tornando um progressivo despedir-se da infância e ele complementa citando as ideias de seu

amigo Paulo Freire: “A pedagogia do meu amigo Paulo Freire amaldiçoava aquilo que se denomina ‘ensino bancário’- os adultos vão depositando saberes na cabeça das crianças da mesma forma como depositamos dinheiro num banco” (Alves, 1999, p. 190). Se a educação não pode necessariamente seguir este caminho sistemático pelo qual já estamos acostumados e pelo qual fomos formados, qual caminho deveríamos seguir? Rubem Alves, então, dá o seu conceito para educação:

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “veja!” – e ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos (ALVES, 2014, não paginado).

O ato de educar e ser educado para Alves é coisa muito natural, faz parte da sabedoria de nossos corpos. Talvez toda essa banalização que também trazemos para a educação seja pelo fato de desejarmos dar uma utilidade a tudo, de modo que acabamos nos esquecendo de que a vida é feita para viver. Talvez a educação seja comparável à amizade e ainda possa nos trazer de volta à reflexão sobre a essência da nossa natureza que temos perdido e, por isso, nos perdemos.

Parte da sabedoria do corpo é a sabedoria de ensinar. O corpo sabe ensinar, naturalmente, e sabe aprender, naturalmente, da mesma forma que a aranha sabe fazer sua teia, o caramujo sabe fazer sua concha. Por centenas de milhares de anos os homens ensinaram e aprenderam naturalmente, com a sabedoria pedagógica que morava nos seus corpos (ALVES, 2014, não paginado).

Retomando a ideia da educação como deslumbramento, Rubem a divide em duas partes: a educação das habilidades e a educação da sensibilidade; para ele, sem a segunda as habilidades não seriam possíveis (ALVES, 2014, não paginado). Ainda no âmbito da sensibilidade, nosso autor menciona a sensibilidade que também devem cultivar os educadores. Aliás, Alves distingue professores de educadores justamente por essa capacidade de sensibilidade que se apresenta no foco do olhar do indivíduo que ensina.

A diferença entre professores e educadores está no olhar. Os olhos dos professores olham primeiro os saberes. Seu dever é cumprir o programa. Depois eles olham para os alunos, para ver se eles aprenderam os saberes. Para professores, saberes são fins; alunos são meios. Os olhos dos educadores, ao contrário, olham primeiro para os alunos. Eles querem que os alunos “degustem” os saberes. Todo saber deve ser saboroso (ALVES, 2014, não paginado).

Certamente muito teríamos ainda para falar de educação a partir do pensamento de Rubem Alves. No entanto, nos vale apenas apontar este tema que envolve uma relação ímpar de amor como temos tratado neste capítulo. A educação, com certeza, ocupou um espaço especial no coração de Rubem Alves e foi a ela que ele dedicou boa parte de sua vida por puro amor. Amor, coisa que para ele dá sentido a todas as coisas e que não poderia ser diferente em

relação à educação. O que nos permite afirmar verdadeiramente que a educação é sim um ato de amor, mas também que é o amor aquilo que é capaz de impulsionar a verdadeira educação.

A palavra amor se tornou maldita entre os educadores. Envergonham-se de que a educação seja coisa do amor- piegas. Mas o amor – Platão, Nietzsche e Freud o sabiam – nada de piegas. O amor marca o impreciso e forte círculo de prazer que liga o corpo aos objetos. Sem o amor tudo nos seria indiferente – indigno de ser aprendido, inclusive a ciência. Não teríamos sentido de direção ou não teríamos prioridades (ALVES, 2014, não paginado).

Por fim, e isso nos parece notório pelos escritos e pela vida de Rubem Alves que a educação é, por excelência, um ato de amor. O amor, não é outra coisa senão aquilo que nos move em direção ao conhecimento, só o amor é capaz de conferir sentido à nossa busca.

## CONCLUSÃO:

Seria realmente difícil, apesar de este ser um dos ofícios da filosofia, conceituar a ideia de amor, sobretudo se o buscássemos fazer em termos estritos. Entretanto, o que fizemos foi apontar características daquilo que chamamos de amor e que se manifesta em vários âmbitos da vida humana a partir da perspectiva do pensador Rubem Alves.

O amor sempre esteve presente no transcurso da história e em dado momento o próprio Deus foi apontado como amor; Rubem então nos diz como podemos enxergar esse Deus e o que de fato o tornaria benemérito, se assim podemos dizer, de ser considerado o próprio amor. Tais discursos sobre a figura divina desencadeiam a reflexão sobre o mistério que nos leva a pensar que também o amor se encaixa na ordem do inefável, indizível e pode ser ele o responsável por nossas experiências de transcendência.

A experiência do amor também move nossa própria carne; não se trata daquilo que encontramos meramente nos discursos abstrativos, mas sentimos florescer através de nossos sentidos e o podemos conhecer de outra forma que não necessariamente a linguagem discursiva. Rubem Alves dá uma atenção ímpar à dimensão corpórea do ser humano e o coloca em contato com as sensações do mundo, como parte integral e integrante da natureza. Não há aqui uma diáspora entre a razão e os sentidos, mas um olhar voltado para o ser humano como um todo e sua relação que pode ser amorosa com tudo aquilo que existe, sobretudo, com o outro quando nos referimos aos desejos tão próprios do corpo. Mais uma vez nesta reflexão, a partir das experiências corpóreas, Alves, aponta o caminho da transcendência.

Ainda neste mesmo caminho vimos as centelhas do amor que se manifesta nas relações interpessoais; o amor é aquilo que gera e move os nossos encontros. De forma muito particular refletimos sobre a amizade, a gratuidade e a educação. Não pode ser simplesmente alguma espécie de interesse que nos move a ter amigos, mas o encontro entre as solidões que se fundem em uma rica experiência de amor. Há por outro lado, bondade em nós ao ponto de nos entregarmos para o outro sem esperar absolutamente nada em troca e a educação é, em síntese, não só o amor, mas um ato de amor.

Mais uma vez, é válido dizer que não conceituamos o amor, mas o percebemos na realidade humana; seja mediante aquilo da ordem do mistério ou daquilo que nos toca diretamente no corpo. O amor é tudo e nada ao mesmo tempo. Pode ser cantado, rezado, sentido, declamado. O amor está na criança, no velho, nas artes e na natureza. O amor está nas lutas pela justiça e nos silêncios logos das meditações, o amor está nas lágrimas de despedida,

nos sorrisos, nas mãos que cuidam, mas ainda assim ele não seria nada disso. Se, no entanto, precisássemos o definir, diríamos, com base em tudo que aqui foi refletido sobre o pensamento de Rubem Alves, certos da profundidade que existe nas simples palavras e mantendo nossa incógnita sobre o tema, diríamos que o amor é essencialmente experiência: experiência com o mistério, conosco mesmo, com aquilo que nos cerca e com o outro.

**REFERÊNCIAS:**

ALVES, Rubem. *A música da natureza*. 2 Ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

ALVES, Rubem. *Canto do Pássaro encantado: sobre o nascimento, a morte e a ressurreição do amor*. 6 Ed. Campinas-SP: Verus, 2015.

ALVES, Rubem. *Coisas da alma*. São Paulo: Paulus, 2001.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência, Introdução ao jogo e suas regras*. 14 Ed. São Paulo: Edições Loyla, 2000.

ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. 3 Ed. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

ALVES, Rubem. *O Deus que eu conheço*. Campinas- SP: Verus, 2010.

ALVES, Rubem. *O retorno e terno*. 25 Ed. Campinas-SP: Papyrus, 2005.

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. 2 Ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

ALVES, Rubem. *Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo*. 2 Ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2014.

ALVES, Rubem. *Um céu numa flor silvestre: A beleza em todas as coisas*. Campinas- SP: Verus, 2005.

GONÇALO, Junior. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.